

1

Chi mi a rithist thu

Victoria não gostava da burocracia do reino, mas aprendera a lidar com ela com a elegância de uma princesa que fazia as honras da casa. Se fosse para dar uma festa ao seu povo, fazer voluntariado ou participar numa causa, não haveria melhor anfitriã do que a princesa de Dnaltocs. No entanto, quando era para ficar sentada na Sala do Trono para receber o diplomata de um reino vizinho, lembrava-se de todas as outras tarefas muito mais interessantes que tinha para fazer, como terminar a leitura de um bom livro.

— Vossas Majestades, o Príncipe Ahearn de Eyks.

Victoria levantou o olhar do bordado a fio de ouro da manga do seu vestido verde, que contrastava tão bem com o seu cabelo loiro dourado, preso numa trança naquele dia.

O homem que entrou na Sala do Trono era um perfeito guerreiro da ilha que subsistia principalmente da parca agricultura de batatas, cebolas e cenouras. Ombros largos, numa armadura sólida e repleta de pormenores debaixo do manto com as cores de Eyks, verde-escuro e um bordado em tons de terracota, que parecia conter todas as flores da ilha. Desde o cabelo despenteado, cuja cor poderia passar facilmente por loiro-escuro, aos olhos azuis cristalinos como as lagoas da ilha, não havia melhor retrato de um representante da Ilha de Eyks.

Ao aproximar-se do trono, pousou um joelho no chão, um gesto a que Victoria já estava acostumada, mas que nele pareceu mais teatral

e simbólico. Os dois guardas que o acompanhavam repetiram a reverência. Ambos tinham uma constituição física semelhante à de Ahearn.

Victoria estava interessada.

Poucas eram as pessoas que entravam com todo aquele à-vontade na Sala do Trono e se ajoelhavam de maneira tão condigna e sem qualquer tipo de dúvida acerca do seu lugar no mundo.

— Bem-vindo, Ahearn de Eyks.

Tomando a deixa, os três homens de Eyks ergueram-se e Victoria percebeu que, afinal, um deles era uma mulher. Tinha os mesmos traços duros que o outro guarda e o seu porte mostrava que merecera o seu lugar no Exército. Victoria pensou que deveria ser exímia no seu trabalho porque naquele mundo, para uma mulher vingar num reino maioritariamente masculino, tinha de ser cinco vezes melhor que qualquer homem.

— Rei Edward de Dnaltocs… — disse Ahearn, olhando sem pudor ou medo para o rei e os seus herdeiros. — Príncipe James e Princesa Victoria de Dnaltocs… Obrigado por nos receberem. Venho com os meus companheiros de armas: Kella e Dougal de Eyks.

O seu nome nos lábios do Príncipe de Eyks provocou um arrepio na espinha de Victoria. A princesa inclinou a cabeça para o lado, em sinal de reconhecimento.

— É sempre um prazer receber a visita dos nossos melhores aliados. Acredito que a viagem tenha sido longa. *Lord* Thomas mostrar-vos-á os vossos aposentos e, amanhã, discutiremos os pormenores do acordo.

Victoria olhou para *Lord* Thomas, que se aproximou vindo das sombras da sala. Aquele homem possuía um sentido de oportunidade perfeito. Não era coincidência que fosse há décadas o melhor informador e o conselheiro mais próximo do rei.

— Por favor, acompanhem-me — pediu ele aos três humanos de Eyks.

Antes de seguir atrás dos seus camaradas, Ahearn olhou para Victoria. Olhos nos olhos. Olhos azuis cristalinos contra olhos azul-escuros profundos como a cor do oceano.

— *Chi mi a rithist thu*.

Victoria apertou o braço do seu trono. Apesar de não estar muito familiarizada com o dialeto de Eyks, o seu âmago reconheceu as palavras.

Vejo-te mais tarde.

Victoria mal podia esperar.



2

Corações partidos fazem bem à reputação

— Parece que há alguém que vai ter concorrência — comentou James, enquanto desciam a estrada de pedra para os respetivos aposentos.

— Não sejas tolo. — Victoria levantou a mão, desvalorizando as palavras do irmão.

— O Príncipe de Eyks ficou interessado em ti. Não tentes fingir que não notaste. E também ficaste interessada.

— O que posso dizer? Há rapazes que adoram ter o coração partido por uma princesa. Faz-lhes bem à reputação.

James soltou uma gargalhada e mudou de rumo. Não queria regressar já aos seus aposentos. Victoria seguiu-o.

— A que horas chega o dito cujo? — inquiriu ele, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

Victoria subiu o grande degrau, para se aproximar da muralha do castelo. Olhou para o horizonte, preferindo não responder à pergunta do irmão. Da colina onde se encontravam, conseguiam ver o estuário do rio Brodotia. Alguns barcos começavam a zarpar para chegarem ao seu destino ao anoitecer ou na manhã seguinte. Alguns, menos afortunados, não veriam terra durante muitos meses. Por momentos, Victoria sentiu a necessidade desesperada de ser as ondas do mar e os pedaços de madeira que navegavam ao sabor das correntes. Gostaria de saber como seria um dia em que não tivesse as obrigações do quotidiano.

Os que viviam fora da Corte tinham esse privilégio, sem vestidos feitos por medida e agenda de eventos. Como seria existir fora dos parâmetros delineados para ela?

— Victoria… — James desviou o olhar para o horizonte. Suspirou levemente. — Às vezes, é difícil sermos livres para amar quem nós bem entendemos.

James compreendia o pânico que Victoria sentia à medida que os anos passavam. Para os irmãos, o amor deles por alguém significava sentenciá-lo a uma vida repleta de regras, uma prisão com roupas bonitas e jantares faustosos. Um compromisso com os herdeiros de Dnaltocs era um compromisso com uma instituição que ditava as regras.

Victoria esboçou um sorriso.

— Sabes que mais, irmão? Vamos viver um dia de cada vez. Veremos se o tal Aleksey também não quer um pouco de caos e, depois, volta a Aissur para lamber as feridas.

— O pobre coitado ainda não chegou e já estás a mandá-lo embora — resfolegou James. — E quanto ao Ahearn?

A princesa encolheu os ombros.

— Talvez não fique tempo suficiente para causar estragos.

Ahearn já despertara a sua curiosidade, usando uma língua há muito esquecida, mas não para ela. Mas isso não invalidava as suas origens e Victoria conhecia o suficiente da história entre os dois países para saber que, caso quisesse avançar, deveria fazê-lo com muito cuidado.

James sorriu de esguelha.

— Isso nunca impediu homem algum de conquistar o coração de uma jovem princesa.

Victoria riu-se alto, tentando afastar aquela nuvem de nervosismo.

— Meu querido irmão, o coração desta jovem princesa está enterrado nestas terras. Quem quiser conquistá-lo terá de escavar bem fundo.

— Quem te ouvir falar pensa que morreste. — A expressão de James suavizou-se; pegou na mão da irmã, mas Victoria largou-a como se a tivesse queimado.

— Tenho de ir arranjar-me para o baile.

Afastou-se em direção aos seus aposentos. Pouco depois, James percorreu o mesmo caminho. Gostava de passear pelo interior do castelo,

onde cada pedra ditava a sua história de resiliência. Há séculos que aquele lugar no topo da colina, com vista para todos os pontos de interesse de Ogrubmide, era a residência da família real, e também a sua residência. Ali, estariam protegidos de qualquer ataque, porque tinham uma linha do horizonte tão vasta que impedia qualquer inimigo de se aproximar de surpresa. Foi detido por alguns Anjos da Guarda, que comunicavam assuntos importantes mas, felizmente, nenhum que fosse urgente. Há décadas que viviam em paz com os povos vizinhos e era assim que tentaria manter essa relação quando fosse rei. A sul, tinha o seu tio, o Rei Richard, e o seu primo, o Príncipe Phillip, em Nodnol. A norte, nada tinha além das águas escuras e gélidas do oceano. A oeste contava com a pequena Ilha de Eyks, repleta de magia e histórias antigas de heróis, mas o seu povo era agora amigável e não causava problemas. A leste, tinha o reino de Aissur, de onde chegaria o Príncipe Aleksey, o segundo herdeiro ao trono e o novo pretendente à mão da sua irmã. Não duvidava de que Victoria o despacharia com a mesma celeridade com que fizera com os três anteriores.

Quando chegou ao seu quarto, havia uma carta selada em cima da sua secretária, destacando-se da desorganização que era a papelada do reino. James não hesitou e abriu-a. Cheirava a mar e aventuras de outros cantos do mundo.

Regresso em breve.

James suspirou, sentindo lágrimas salgadas formarem-se nos seus olhos. Encostou a carta ao peito, como se pudesse abraçar o remetente daquelas palavras.



3
A festa

Victoria olhou-se ao espelho mais uma vez, aproveitando todos os ângulos que tinha ao seu dispor. O padrão do seu vestido, vermelho e preto, e o alfinete que trazia ao peito com o brasão da Família Real — um leão com língua azul — representavam as cores do reino de Dnaltocs e o animal que lhes trazia sorte.

— Precisas de mais ganchos no cabelo? — indagou *Lady* Abbie, a sua ajudante e amiga de longa data, enquanto dava mais uns toques aqui e ali no penteado intricado da princesa.

— Creio que não, Abbie. Obrigada.

Abbie sorriu, e surgiram pequenas covinhas no seu rosto.

— Vou agora arranjar-me para o baile.

Victoria sorriu de esguelha pelo espelho.

— Tenta não monopolizar o James esta noite. Preciso dele disponível para me salvar de algum diplomata mais chato.

Abbie riu-se e fechou a porta ao sair do quarto da princesa.

Victoria calçou os sapatos pretos, sabendo que no dia seguinte iria odiá-los pelas bolhas que lhe causariam. Olhou-se uma última vez ao espelho, verificando a máscara e o batom de tom neutro. Quando deixou os aposentos, dois anjos da sua guarda pessoal seguiram-na para o salão de baile. As suas asas estavam recolhidas, mas Victoria reparou que pequenos brilhantes lhes adornavam as penas, para comemorar mais uma noite de festa no castelo.

A sua chegada foi celebrada com algumas vénias, mas rapidamente deixou de ser o centro das atenções, devido à música e conversa alegres. Apesar de ser considerada uma festa intimista, nada tinha de pequena. A Corte, que se estendia a todos os familiares dos conselheiros do rei, membros afastados e presumíveis herdeiros ou regentes ao trono, músicos, empregados e guardas, aguardava esperançosamente a chegada de Aleksey de Aissur, o pretendente que finalmente conquistaria o coração de Victoria. Ou mais um príncipe que sairia a correr de Dnaltocs, com o coração partido… tudo dependia da perspetiva com que se encarava a situação.

A curiosidade em conhecer em primeira mão o Príncipe de Aissur fez o salão encher-se rapidamente. Estava decorado para a ocasião: as mais variadas armas, desde pequenas facas a espadas centenárias nas paredes, a sua grande lareira estava acesa em lume baixo e os homens mais políticos do reino aproveitavam aquele espaço para falar de impostos e rendimentos, algo que entediava profundamente Victoria e até a deixava um pouco irritada porque, para ela, os negócios não se faziam à mesa, ou pelo menos com comida pelo meio: poderia desencadear falta de apetite e problemas digestivos. Os candelabros de luz quente elétrica, uma das novidades da última década no país, e a mesa farta encostada a um canto da sala davam espaço aos que se atreviam a um passo de dança.

Assim que chegou, o filho de um dos nobres mais respeitados convidou-a para dançar, e Victoria aceitou. Depois, veio outro. E outro. A música alegre batia no seu coração. Rodopiava pelo salão de baile, livre de qualquer preocupação, porque tudo o que importava naquele momento era a música e os seus pés a dançarem ao seu ritmo. Ela era, de facto, a Joia da Coroa e todos queriam um segundo da sua atenção. Victoria fora desenhada para esse único propósito e até nem se importava. Preferia aquilo às reuniões enfadonhas às quais James tinha de presidir e que o deixavam emocionalmente esgotado.

Só quando James teve a audácia de se levantar do trono é que Victoria se atreveu a descansar um pouco. De facto, os pés imploravam-lhe por uma pausa. Dirigiu-se à mesa da comida e começou a empilhar tudo o que lhe parecia apetitoso. Não gostava de levantar-se da mesa, para

não ser apanhada por um político mais atrevido que gostasse de desabafar as suas frustrações sobre os assuntos de Estado enquanto comia.

— Bem, sendo assim, não terei problema algum em provar a comida.

Victoria ficou com um *muffin* de mirtilos suspenso no caminho entre o tabuleiro e o prato. Não reparara que o príncipe herdeiro da Ilha de Eyks era tão alto. Os homens raramente ultrapassavam a sua altura, algo de que Victoria se orgulhava muito, porque significava que nunca seria a donzela em apuros que não chegava à última prateleira do roupeiro.

— Príncipe Ahearn… — Victoria inclinou a cabeça para o lado. — A comida é maravilhosa: temos os melhores cozinheiros e cozinheiras do reino. De certeza que não se arrependerá.

Ahearn esboçou um sorriso.

— Terei de ter cuidado com a linha, então.

Victoria riu-se e parou logo de seguida.

— Pode rir-se, princesa. Era uma piada.

Ela revirou os olhos, mas replicou:

— Devo confessar que raramente me contam piadas. A Corte é bastante séria e sem qualquer queda para o sarcasmo.

— Aposto que o seu sarcasmo deve ser excelente.

— Oh, então deve conversar com o James. Ele é o rei do sarcasmo!

— Sempre a acumular títulos, não é verdade?

Victoria pousou o *muffin* de mirtilos no prato e olhou de alto a baixo para Ahearn, tirando-lhe todas as medidas. Ele cheirava a tempo de chuva, a relva e a terra ensopadas, um aroma fresco e cítrico de um dia ameno.

— Os aposentos são do seu agrado?

Ahearn pegou num prato e começou a empilhar comida precisamente da mesma maneira que Victoria, um sinal de que estivera a ser observada.

— São ótimos. Obrigado pela preocupação, princesa.

Victoria anuiu e olhou para a mesa onde estavam os delegados reais. James ainda estava entre a multidão. Provavelmente, fora apanhado por algum nobre e estava a discutir taxas aduaneiras.

A princesa vislumbrou um oficial da Marinha a tentar criar espaço entre a multidão de pessoas que conversavam e dançavam. Vinha na sua direção, bastante determinado. Sabia do que falaria: precisava de recursos humanos e talvez da tecnologia mais avançada de que dispunham outras nações para explorar as profundezas do oceano. Ter a princesa a apoiar o seu projeto seria uma garantia de financiamento.

— Espero que goste do frio de Dnaltocs, Príncipe Ahearn.

— Pode tratar-me apenas por Ahearn, Victoria.

A princesa desviou o olhar do oficial da Marinha e sorriu.

— Muito bem, agora que já somos chegados, permita-me.

Pegou na manga do casaco verde-musgo de Ahearn e virou-o de maneira a tapar a visão do oficial. Deu alguns passos para o lado, para passar pelas cortinas da janela que se encontrava mais próxima. Conseguira escapar. Só esperava que ninguém a tivesse visto, mas encostou um pouco a janela só por precaução. Devido ao reflexo das luzes no vidro, não veriam que havia dois humanos do lado de fora do salão.

Victoria pousou o seu prato no banco ao lado da janela e virou-se para Ahearn.

— Pronto, estamos a salvo.

Ahearn sorriu de esguelha.

— É tão eficaz a fugir como é bela a dançar.

A princesa desvalorizou o elogio, mas decidiu ir direta ao assunto que lhe despertara a curiosidade.

— Como é que conhece a antiga língua das Filhas da Terra?



4
As regras

Ahearn espetou o garfo nas batatas assadas que colocara no prato, olhando de soslaio para Victoria, avaliando atentamente as emoções bem disfarçadas no seu rosto. Quase, porque Ahearn era um excelente avaliador de carácter e havia muito pouca coisa que lhe passasse despercebida.

— É uma língua morta em muitos lugares, mas não em Eyks. O meu povo usa-a com regularidade e está integrada nas expressões diárias do nosso dialeto.

Victoria ficou rígida no seu lugar, a sua face a transformar-se numa máscara de ponderação que não exprimia um pingo de emoção.

— Peço desculpa — disse o Príncipe de Eyks. — Não era minha intenção deixá-la incomodada.

E logo agora que estavam a falar sem outras pessoas a perscrutarem todas as suas palavras, quis dizer.

— Não faz mal — retorquiu a princesa, olhando para o seu *muffin* de mirtilo meio mordido. — Trata-se apenas de um assunto sobre o qual não tenho ocasião de conversar com outras pessoas aqui no castelo. Fiquei surpreendida e apreensiva, devo admitir.

Ahearn refletiu durante alguns momentos sobre o significado daquelas palavras. Estudara afincadamente todas as nações, para ser o melhor diplomata da sua terra. Quando recebera a notícia de que seria o emissário para firmar o novo acordo com Dnaltocs, Ahearn

empenhara-se em conhecer cada detalhe de cada canto do país que outrora fora soberano de Eyks. Isso também implicara ler tudo o que existia sobre os herdeiros. Conhecia a reputação de Victoria: uma princesa dedicada e a alma de cada festa. Provavelmente, estava a lidar com ele como o faria com qualquer outro emissário.

— Dnaltocs deve ser um pouco sufocante, não? Fui avisado pelos meus pais de que a vida aqui tinha muitas regras.

Victoria assentiu.

— Sem dúvida. Apesar de não termos a rigidez da Corte do meu primo Phillip em Nodnol, continuamos a ter uma Corte cheia de regras e superstições.

— Talvez possa fazer-me uma visita. — Ahearn esboçou um sorriso. — Assim, conseguirá comparar mais uma Corte e treinar o dialeto que temos em comum.

Victoria observou a festa. Identificou James, com Abbie ao seu lado, a falar com um nobre ligado ao ramo do comércio de vinho. Por vezes, Victoria não sabia se o irmão gostava verdadeiramente da sua amiga ou se a usava como escudo — enquanto a tivesse ao seu lado, não teria de lidar com outras jovens desejosas de se tornarem a futura rainha de Dnaltocs.

James fora talhado para aqueles momentos, para as festas e conversas de circunstância, para os tratados que se assinavam ao lado de um prato de comida.

Até parecia que Victoria tinha mais liberdade do que o irmão, por ser a segunda na linha de sucessão. Não era verdade. Victoria tivera de aprender a ser tão inteligente e marcante como o irmão, ou a Corte iria esquecê-la quando já não fosse necessária. Ainda assim, depois de tanto treino e algumas polémicas que envolviam os antigos pretendentes, ainda sentia um frio no estômago quando só a saudavam depois de cumprimentarem o pai e James.

As regras de Dnaltocs eram bastante claras: os primeiros três herdeiros ao trono jamais poderiam sair do país com a finalidade de se casarem com um herdeiro direto a outro trono. Desta forma, Dnaltocs jamais voltaria a pertencer a Nodnol. As duas nações, antes apenas uma, haviam travado no passado uma longa e sangrenta guerra que

resultara na independência de Dnaltocs, mas levara demasiadas vidas. Para que estas circunstâncias não se repetissem, os seus antepassados haviam criado aquela regra, que ditara o destino da sua descendência.

Victoria estava prestes a aprofundar o assunto sobre o dialeto quase esquecido quando um anjo da Guarda Real entrou no salão de baile, batendo três vezes com o seu bastão no chão.

A princesa entregou o seu prato a Ahearn.

— Gostei da nossa conversa. Repetimos em breve?

Antes que o Príncipe de Eyks pudesse responder, Victoria voltou discretamente para o salão, passando pelas mulheres de vestidos vaporosos e homens com as suas medalhas de honra. Ninguém lhe prestou muita atenção, mas quando se sentou ao lado de James, o irmão inclinou a cabeça.

— Onde estiveste este tempo todo?

Victoria sentiu-se corar e abriu a boca para falar, mas a voz do anjo irrompeu por toda a sala.

— Sua Alteza Real, o Príncipe Aleksey de Aissur.

As portas abriram-se.

O homem que entrou não era nada daquilo que ela esperava.



5
Das terras de Aissur

O Príncipe Aleksey de Aissur era alto, com um corpo esguio e atlético. Os olhos verde-claros penetrantes analisaram o salão de baile, até pousarem na princesa.

Victoria tentava não se rir. Na verdade, o príncipe era muito atraente, até olhar para o seu rosto e deparar com um bigode dourado, retangular e bem penteado.

Todos sabiam que as diferenças entre os reinos eram discrepantes. Por exemplo, o reino de Sitnalta situava-se no litoral e algumas das suas gentes tinham escamas em vez de pele. O estado de Nattahnam tinha tecnologia de ponta e as pessoas usavam carros elétricos para se deslocarem, parecendo pertencer a outra era. Em Dnaltocs, ainda se usavam carruagens, cavalos e, para ligar as cidades, comboios. Os carros elétricos eram um luxo e bastante escassos, e só usados em emergências.

Para alguns, Dnaltocs era uma cidade retrógrada, mas Aleksey parecia que viera de um século completamente diferente. Victoria lembrava-se vagamente de existir algures no castelo uma fotografia a preto-e-branco do seu bisavô com um bigode igualzinho.

James bateu-lhe com o pé na perna. A princesa perdeu logo a vontade de rir.

O Príncipe de Aissur, com o seu fato branco que criava um fraco contraste com o cabelo loiro e ondulado, dirigiu-se ao rei e parou em

frente à mesa real. Os convidados formavam um pequeno semicírculo atrás de si, deixando espaço entre eles e o monarca. Pousou um joelho no chão, olhando para Victoria, os olhos claros tão penetrantes que parecia que via para além dela e que lhe chegava à alma.

Victoria afundou-se na cadeira. Desejava poder dissipar-se e confundir-se com a madeira dourada do seu assento. Aquele homem não lhe inspirava confiança: apesar do seu ar aprimorado e do bigode retrógrado que lhe dava vontade de rir, havia algo selvagem no olhar.

— Príncipe Aleksey de Aissur, seja bem-vindo.

Com cerimónia, o Rei Edward deu a volta à mesa e ergueu o príncipe pelos ombros.

— Que esta viagem traga os frutos que esperamos.

O conteúdo do estômago de Victoria revolveu-se.

Frutos. Casamento e filhos, era isso que ele desejava. Como se Victoria não fosse uma mulher com os seus próprios direitos reprodutivos. Cruzou brevemente o olhar com Abbie, que estava na primeira fila da multidão e assistia à troca de palavras, com um esgar pouco agradado.

Aleksey sorriu ao rei como se o conhecesse há muito tempo.

— Apresenta-me a sua filha?

A esperança na sua voz nada tinha que ver com o olhar rápido que lhe deitou, como se estivesse envergonhado por conhecer pessoalmente a Princesa de Dnaltocs.

O Rei Edward abriu o sorriso. Foi a melhor coisa que Aleksey poderia ter dito.

A Corte começou a dispersar-se, mas sempre com um olhar atento ao que se passava entre as duas nações.

— Victoria… — chamou o rei, e ficou à sua espera.

Victoria levantou-se e deu a volta à mesa. Fez uma vénia a Aleksey.

— Encantada, Príncipe Aleksey.

Estendeu a mão ao príncipe, que a beijou delicadamente. Victoria recolheu-a logo. Haveria desinfetante no salão de baile?

— Igualmente, Princesa Victoria.

— Vou deixar-vos a sós — disse o rei, virando-se para a multidão da festa. Encontrou um coronel e dirigiu-se a ele, deixando-os sozinhos.

Victoria olhou de soslaio para James que, entendendo a deixa, se aproximou da irmã.

— Príncipe Aleksey, de certeza que deseja falar com a Victoria, mas permita-me roubá-la por uns momentos. Já tínhamos combinado dançar.

Aleksey assentiu e afastou-se, deixando-os ir para o centro do salão. Os pares começaram a juntar-se a eles, prontos para iniciarem o que seriam mais algumas horas de baile.

Quando os príncipes se colocaram a postos no centro do salão, as notas da melodia soaram e James deu um passo em frente, liderando a dança sempre de forma elegante. Victoria era o par perfeito para ele. Deixava-se guiar sem um único passo em falso, antevendo a trajetória de James, ambos seguros do estatuto de cada um e do lugar que ocupavam no mundo.

— O bigode — disse Victoria, enquanto rodopiava nos braços do irmão.

— Mas aqueles olhos verdes…

Victoria lançou um esgar de desagrado. Sabia dos… gostos do irmão, que não correspondiam àquilo que era esperado de um príncipe. James sabia disfarçar muito bem as suas preferências e ela jamais o denunciaria. No entanto, enquanto Victoria facilmente abdicaria da sua pretensão ao trono, James era demasiado leal à Coroa e ao pai, para fazer uma desfeita à sua nação e abdicar de todas as responsabilidades para ser livre de amar quem bem desejasse. Além disso, se abdicasse, Victoria seria a próxima herdeira e ele nunca deixaria que uma responsabilidade dessas recaísse sobre os ombros da irmã. James era demasiado altruísta para tal.

— Tens alguma ideia? — James sorriu de soslaio e Victoria revirou os olhos. — Não essa ideia. Uma ideia para o pôr numa carruagem de volta para Aissur.

James suspirou e ergueu o braço para a irmã rodopiar.

— Haveremos de arranjar alguma coisa.

Victoria avistou um par de olhos frios e calculistas num corpo que usava um traje semelhante ao de Aleksey.

— Se calhar, devemos começar pelo diplomata que o acompanhou.

— Ou, se calhar — sugeriu o irmão —, devemos começar por conhecê-lo melhor.

A princesa sentiu um arrepio nas costas.

— O bigode — disse, como se a aparência do príncipe fosse determinante para o assunto.

— Dá-lhe uma oportunidade. Ele nem parece assim tão mau. Pelo menos, toma banho. Senti o cheiro da colónia dele.

Victoria olhou para o irmão, com um pequeno sorriso a formar-se nos cantos dos lábios.

— Não consigo ter uma conversa séria contigo, pois não?

— Claro que sim. Adoro ter conversas sérias contigo, quando o assunto em questão é um bigode antiquado e uns olhos verdes acesos.

— Dizes isso porque não és tu quem o tem como pretendente.

Os dois pararam a dança assim que a última nota da melodia se soltou das cordas dos violinos. Victoria vislumbrou o príncipe na orla da multidão, observando-a atentamente, mas deslocado dos restantes convidados.

— Talvez consiga ultrapassar a aversão ao bigode.

Os dois fizeram uma vénia com o seu sorriso diplomático no rosto e o público aplaudiu. James aproximou-se de Victoria, para lhe dar um beijo.

— Não vamos chamar-lhe isso, pois não?

Victoria sorriu.

— Só o tempo o dirá.



6
Noite e estrelas

Quando a festa começou a esmorecer, Victoria viu a sua oportunidade para se escapulir e ir apanhar ar. Falara com todos os presentes sobre os mais variados assuntos, suportara as discussões sobre as futuras taxas aduaneiras e sobre os apoios aos militares reformados. Ouvira discussões sobre a nova moda chocante das saias acima do joelho em Nodnol e sobre a mais recente tecnologia nalgum lugar cujo nome mal conseguia pronunciar. Bebera demasiado champanhe, *whisky* e cerveja artesanal, e sentia ligeiramente a cabeça a andar à roda.

O ar puro de Dnaltocs assolou-lhe o corpo assim que saiu do salão e Victoria apertou mais a écharpe que tinha sobre os ombros, dirigindo-se à capela de St. Margaret, onde sabia que a escuridão do pequeno monumento a resguardaria de um ou outro nobre que ainda andasse pelo castelo. Aproximou-se da muralha e viu uma carruagem a descer a colina que levava ao centro da cidade.

Inclinou o pescoço para cima, para se alinhar com os astros que brilhavam solenemente no escuro. A estrela Filha da Terra brilhava suavemente no céu, ofuscando as outras que estavam ao seu lado. Suspirou, absorvendo a humidade e deixando-se envolver pela pequena neblina que começara a roçar-lhe os tornozelos. O ar que inspirava tornava-a mais sóbria. Mas, à medida que o álcool se dissolvia lentamente no seu organismo, o cansaço começou a ganhar terreno.

— Está uma noite bastante agradável.

A voz masculina surpreendeu-a e Victoria agarrou-se com força à pedra da muralha, enquanto abria os olhos. Permitiu que a vertigem se apoderasse do seu corpo e depois desaparecesse, enquanto os segundos corriam e Ahearn se aproximava.

Enfiou as mãos nos bolsos do vestido.

— A noite ajuda sempre a organizar as ideias. Gostou da festa?

Ahearn pousou os antebraços na muralha fria, olhando para o horizonte. Victoria seguiu-lhe o movimento, talvez aproximando-se demasiado do príncipe, mas era difícil resistir ao calor que o seu corpo emanava, porque provocava um contraste agradável entre o ar frio e a sua temperatura corporal.

— Gostei muito.

— Mas não dançou comigo — afirmou, franzindo o sobrolho.

— Não sou grande apreciador de danças em frente a muita gente.

Victoria assentiu. Para Ahearn, a festa devia ter sido extraordinária; a Corte da Ilha de Eyks era mais pequena e menos dramática.

— Vou confessar o que raramente admito, mas acredito que a Victoria é capaz de guardar o meu segredo. — Fez uma pausa e olhou para a jovem. — Não sou antissocial, mas sinto alguma ansiedade quando me vejo rodeado de uma grande multidão.

A princesa anuiu. Guardaria o seu segredo e sabia que existia uma parte dela que o compreendia. Apesar de gostar das festas e de ser o centro das atenções, não lhe agradava quando a arrastavam para conversas burocráticas.

— Eu adoro estar no meio de uma multidão — afirmou ela. — É o meu lugar preferido.

Ahearn assentiu.

— Muito bem, encontrámos a primeira de muitas divergências.

Victoria riu-se e subitamente parou. Rebobinou as palavras na sua mente.

— Ahearn… Eu não quero causar…

— Não te preocupes — interrompeu-a, largando as formalidades da língua. — Não o disse com essa intenção. Não afetará o que vim cá fazer.

Os músculos dos seus braços retesaram-se, percebendo que talvez tivesse aberto demasiado a caixa que continha os seus pensamentos desde que a vira naquela manhã.

— Talvez tenha bebido de mais — mentiu.

Era sempre melhor culpar a bebida do que o seu coração.

Victoria anuiu e desviou o olhar para o horizonte. Os candeeiros elétricos iluminavam as ruas principais de Ogrubmide, a capital de Dnaltocs. A humidade que começava a polvilhar a calçada de pedras negras da cidade parecia ainda mais brilhante com as luzes.

— Depois de refazer o acordo com o Rei Edward, partirei para Eyks.

A princesa ergueu o olhar para Ahearn, o seu coração a aquecer a cada segundo que passava. Sentia o pulsar de todas as suas veias e cada brisa que, ao passar pelo tecido da écharpe, tentava arrefecer-lhe a pele.

De alguma forma, aquela afirmação desiludiu o seu coração.

— Espero que um dia visites a ilha, Victoria. Creio que seria do teu agrado.

— Gostaria muito.

Naquele momento, quando os olhos azuis cristalinos tocaram os dela, sentiu que era vista pela primeira vez, não como uma simples princesa e alguém que se pode conquistar como se vence um troféu, mas como uma jovem mulher que desejava ser livre. A pequena promessa de que Eyks seria do seu agrado deu asas à imaginação de Victoria que se viu, infantilmente, a correr por uma colina verdejante, a sorrir loucamente para o mar que cercava a ilha e para o céu acinzentado tão característico daquela zona geográfica.

Engoliu em seco. Sentiu os olhos dele a desviarem-se para outros traços da sua face, incluindo os seus lábios.

Sem pensar duas vezes, dando espaço ao seu coração para liderar as suas decisões naquela noite, e calando o pequeno monstro da razão, beijou Ahearn.